

*AVALIAÇÃO DO ALUNO DO
PROGRAMA DE*

*EDUCAÇÃO
BÁSICA*

DA FUNDAÇÃO EDUCAR



Ministério da Educação – MEC
Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos – EDUCAR

AVALIAÇÃO DO ALUNO DO PROGRAMA DE

*EDUCAÇÃO
BÁSICA*

DA FUNDAÇÃO EDUCAR

Rio de Janeiro – 1988

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
José Sarney

MINISTRO DA EDUCAÇÃO
Hugo Napoleão

SECRETÁRIO GERAL DO MEC
Luiz Bandeira

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO EDUCAR
Lêda Tajra

Sumário

Apresentação 5

O que é avaliar 6

Avaliando os alunos 7

Os alunos também participam da avaliação 9

Usando instrumentos de avaliação 14

AVALIAÇÃO DO ALUNO DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DA FUNDAÇÃO EDUCAR

Apresentação

Professor,

Nesta publicação, vamos apresentar algumas orientações sobre como avaliar o aluno no Programa de Educação Básica – PEB –, da Fundação EDUCAR.

Sabemos que, apesar de conter idéias importantes, ela não será suficiente para você avaliar com mais segurança o seu aluno. Portanto, você deverá sempre discutir essas idéias, e outras que tenha, com o supervisor e seus colegas, não só nos momentos de capacitação, como também nas situações de supervisão.

Esperamos com isso contribuir para o seu crescimento.

O que é avaliar?

O ato de avaliar está presente em todas as situações da vida humana. Constantemente, estamos desenvolvendo algum tipo de avaliação: quando nos relacionamos com os outros – vendo e ouvindo, falando e escrevendo, concordando, duvidando, posicionando-nos –; quando constatamos até onde chegamos; quando fazemos um balanço de nossos limites e possibilidades para ir em frente; e quando escolhemos os caminhos para o nosso aprimoramento.

Às vezes, nossa avaliação se restringe a atribuir um valor às coisas; às vezes, ela procura estabelecer relações entre aquilo que observamos e algum padrão que usamos como referência; às vezes, procuramos ver o quanto falta àquele estágio em que chegamos, para atingir algum ponto que fixamos, ou que temos de atingir.

Na escola, a avaliação também acontece, só que de uma forma mais organizada, planejada, envolvendo professor e alunos. A avaliação deve sempre acompanhar o trabalho da classe.

Por isso, é importante que o professor conheça bem os seus alunos, pois o ponto de partida do seu trabalho é o que já sabem, suas experiências de vida, suas crenças e seus valores.

Mas, afinal, o que é avaliar? Para que serve a avaliação? Como se avaliam os alunos?

Professor, ao fazer o seu planejamento de trabalho, você define para que ensinar (os objetivos), o que vai ensinar (os conteúdos), como vai ensinar (métodos e técnicas) e *como vai avaliar*.

Assim, embora estejamos tratando, neste texto, apenas sobre a avaliação do aluno, isto não significa que ela seja algo além do que você deve realizar. Ela é parte integrante do seu planejamento. Assim, as formas e instrumentos de avaliação devem ser definidos no momento em que você elabora o planejamento.

Você sabe que o PEB é um programa que permite ao aluno seguir continuamente os estudos, à medida que vai alcançando os objetivos. Então, como saber se o aluno alcançou ou não, se está próximo ou não dos objetivos fixados? Isto somente é possível através da ava-

liação da aprendizagem do aluno. É a avaliação contínua e sistemática da aprendizagem que fornecerá as informações, para que tanto o professor como o aluno conheçam suas dificuldades e conquistas e tomem decisões imediatas que auxiliem no avanço desta aprendizagem.

Avaliando os alunos

É verdade que você, professor, tem bem clara a necessidade de avaliar. Mas, muitas vezes, não está claro o que deve avaliar para saber se os alunos estão progredindo e o que ainda não dominaram; não está claro também, como fazer para verificar o que já sabem e, conhecendo o que ainda não sabem, pensar como trabalhar para que possam aprender.

De uma maneira geral, usa-se a avaliação apenas para "classificar" os alunos, rotulando-os como bons, médios ou ruins. E de que adianta classificá-los, se não fizermos nada para mudar a situação que este tipo de avaliação constata? Queremos fazer com que a escola saia do pensamento "quem é bom segue, e quem não é, não tem jeito mesmo..." Se continuarmos a pensar assim, estaremos reforçando a educação que não é para todos, a educação não-democrática, que aceita que a escola tenha um só modelo e não admite aquele que foge desse modelo. A igualdade de oportunidades precisa começar no reconhecimento das diferenças e nas propostas de se trabalhar a partir destas diferenças.

Como você deve ter observado, sua turma não é homogênea. Há alunos de diferentes níveis de conhecimento, diferentes interesses, diferentes valores, que aprendem. Só que uns, mais rapidamente, outros, mais lentamente, e é justamente essa diferença no ritmo de aprendizagem que deve orientar seu trabalho. Os "tempos" de aprender não diminuem as capacidades, sendo importantes para dar ao professor a medida exata do trabalho que precisa ser feito, até que o aluno domine os objetivos do ensino.

Então, você está vendo que avaliar para classificar apenas não basta. Há necessidade de avaliar para saber quais objetivos foram alcançados, quais não foram e, a partir daí, poder planejar a continuidade do trabalho em classe.

E aí, professor, como fazer?

Você deverá sempre usar como referencial os objetivos que estabelecer para cada etapa do Programa. A partir desses objetivos, é que você poderá verificar o quanto o aluno está próximo ou não de cada um deles. E o que precisará fazer para chegar lá, caso ainda esteja longe do objetivo.

Veja um exemplo do que estamos falando: se o objetivo foi "criar frases com palavras formadas com as sílabas estudadas, escrevendo-as com compreensão do seu significado" e, na avaliação feita – um teste, um exercício do próprio livro –, você verifica que o aluno omite palavras na construção das frases, certamente, procurará identificar o porquê da dificuldade encontrada pelo aluno e, imediatamente, passará a trabalhar outras atividades, para que ele possa superar essa dificuldade e vencer o citado objetivo.

Você poderá, por exemplo, estimulá-lo a dizer as frases oralmente e mostrar-lhe como são escritas as palavras que ele ainda não consegue grafar.

A leitura de frases, bem como a criação de frases reais e a escrita de palavras e expressões são atividades que contribuem para que o aluno atinja o objetivo de escrever frases, independentemente.

Evidentemente, não será a partir de uma única situação de avaliação que você chegará a essa conclusão, mas sua observação cuidadosa, durante toda a aula, facilitará a conclusão sobre o que falta a esse aluno. Também não será apenas uma atividade que lhe permitirá julgar se ele sabe ou não.

Observe que o que você fez foi o diagnóstico da aprendizagem do aluno e, imediatamente, tomou a decisão de ultrapassar a dificuldade. Assim, você não o classificou (bom, médio, ruim, etc.), mas constatou sua situação naquele momento e partiu para uma ação que possa melhorar o desempenho desse aluno.

Além disso, sua preocupação com a avaliação deve estar voltada para observar a habilidade que os alunos devem ir conquistando de transferir as aprendizagens para a vida, descobrindo pontos comuns entre aquilo que estão aprendendo e as situações que costumam viver, para entendê-las melhor. Se essa é uma grande questão na escola, em geral, na aprendizagem dos jovens e adultos é mais séria ainda, pois como eles têm vivências, formas de perceber a realidade, conclusões e opiniões sobre os fatos, se não descobrirem utilidade nos conhecimentos escolares, acabam desestimulados.

Nessa perspectiva você deve, ainda, até mesmo voltar a aprendizagens anteriormente realizadas, com o propósito de verificar sua duração e/ou permanência. Não se esqueça de que mais duradouras e permanentes serão as aprendizagens que tiverem real interesse para a vida do aluno. Essa seleção do que fica e do que é "esquecido" se dá num processo natural, não só em função do uso que se faz dos conhecimentos, como em função de novas aprendizagens que substituem as antigas, e até, às vezes, o "esquecido", na verdade, é aquilo que não foi aprendido.

O seu procedimento habitual durante todo o tempo de trabalho, então, deve ser: ensinar, avaliar, replanejar, recomeçar, reforçar os pontos onde houver dificuldade, enfim, verificar e propor constantemente novas formas de trabalho, não esperando o final da etapa para chegar à conclusão de que não há jeito. É dessa maneira que o Programa de Educação Básica encara o trabalho com jovens e adultos, utilizando o que se chama de avaliação diagnóstica. Ou seja, a partir do diagnóstico inicial, propõe a forma de aprendizagem e, continuamente, vai fazendo o diagnóstico da situação e se reprogramando para atender sempre às necessidades dos alunos.

O diagnóstico inicial – o conjunto de idéias avaliativas que se tem sobre uma situação, tiradas da observação dessa situação – é fundamental para que você possa conhecer seus alunos, saber o que já aprenderam em vivências escolares anteriores; saber se não têm nenhum aprendizado escolar; saber o que esperam do curso; qual o interesse deles em fazer o curso; o que pensam do trabalho que executam; enfim, conhecer um pouco mais cada um deles para poder planejar da melhor forma possível as atividades de classe, atendendo às necessidades e aos interesses de todos eles.

Quando você procede dessa maneira, não significa que o seu planejamento de trabalho deva ser individual, voltado para cada aluno. Na proposta que fizer à "turma", como um todo, você também deve levar em conta momentos diversificados de atividades, oferecendo assim apoio àqueles que precisarem. Mesmo porque não será durante todo o tempo que o aluno precisará de atendimento diferenciado; haverá momentos durante esse período em que ele participará em igualdade de condições com o resto do grupo e, às vezes, até em melhores condições. Precisar de reforço numa área ou num aspecto não quer dizer ser "fraco" ou "atrasado" em tudo.

Os alunos também participam da avaliação

Nessa proposta de trabalho com adultos, o papel do professor não pode ser o de dono do saber, exercendo sua autoridade sobre os alunos só porque já sabe aquilo que eles ainda vão aprender. Por-

tanto, a função de avaliador não será realizada apenas por você, professor, mas, sobretudo, deverá ser feita por você e seus alunos. Eles, tanto quanto você, estão interessados em acompanhar o próprio progresso. Portanto, eles precisam participar não só da avaliação, como também do planejamento. Como já vimos, o repertório de valores que os alunos trazem deverá ser bem conhecido por você para não haver choque de idéias e interesses. Se você os conhecer bem, saberá melhor aquilo que esperam do trabalho de classe e do curso que estão fazendo.

Estabeleça com eles um verdadeiro "contrato de trabalho", definindo claramente as "regras do jogo", ou seja, o que precisam saber e aonde devem chegar – os objetivos; o que vão estudar – os conteúdos; como vão estudar – os procedimentos didáticos; e como será a avaliação. Com isto, você não será o único responsável pela aprendizagem dos seus alunos, uma vez que eles estarão participando intensamente do ato educativo.

Assim, você também será avaliado, pois, tanto quanto eles, precisa saber o que tem feito para poder continuar, melhorando cada vez mais.

Proponha a eles, sistematicamente, momentos de discussão sobre o andamento do curso, vendo se a forma que tem sido usada está facilitando a aprendizagem ou se deve ser modificada para atender melhor às suas necessidades.

Professor, você também deverá prever, além dos momentos em que avalia o desempenho dos seus alunos por meio de testes, exercícios, etc., um momento para eles expressarem sua opinião sobre o próprio desempenho. Assim, num trabalho de grupo, por exemplo, além da "nota" que você atribuir ao trabalho, eles poderão estabelecer critérios para avaliar sua participação na execução da tarefa, isto é, o quanto cada um contribuiu para a realização do trabalho. Pontos como:

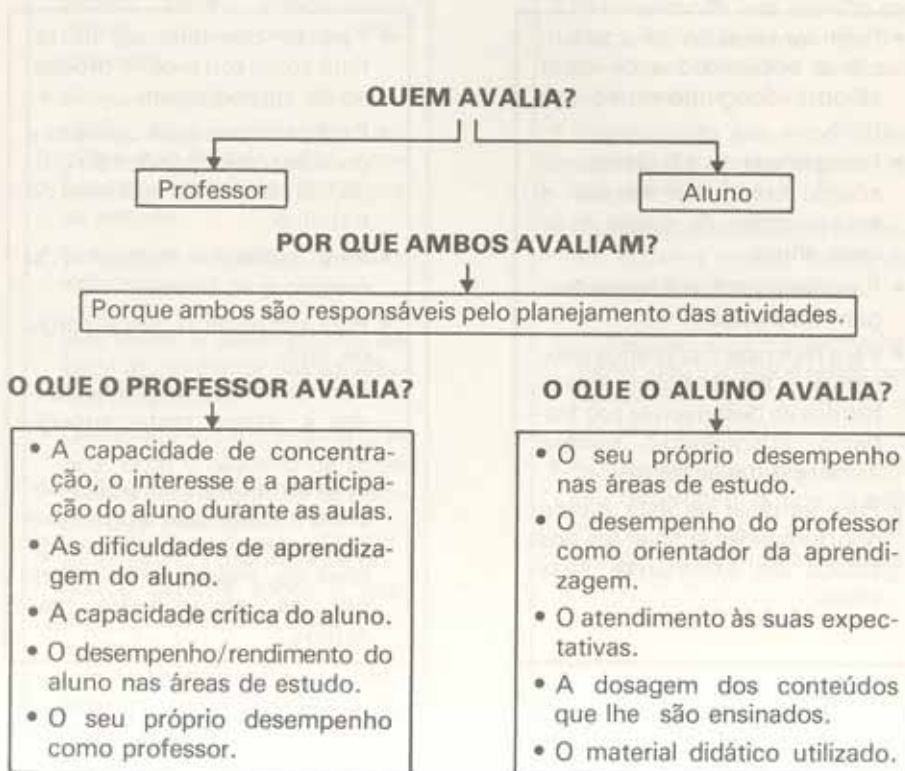
- interesse na atividade,
- colaboração (trazendo materiais para o trabalho),
- apresentação de idéias,
- relacionamento com o grupo,

poderão ser alguns dos critérios avaliados. Com isto, você poderá ajustar cada aluno à "nota" final do trabalho, vendo exatamente em que medida cada um colaborou para o resultado e quais os que se "encostaram" no grupo.

Não se preocupe, achando que seus alunos não serão capazes de fazer seu julgamento. Como responsáveis pela própria aprendizagem, eles têm tanto interesse quanto você em saber "a quantas andam". Acredite neles e demonstre sempre confiança em sua auto-avaliação, orientando-os para que possam, a cada dia, fazê-la melhor.

Como você viu, tanto o professor como o aluno participam de todo o processo de aprendizagem: do planejamento à avaliação.

Procuraremos mostrar, de forma esquemática, todas as idéias que foram discutidas até agora. Acompanhe.



PARA QUE O PROFESSOR AVALIA?



- Para conhecer as características e necessidades de cada aluno e do grupo como um todo.
- Para planejar as atividades, de acordo com os interesses e necessidades do grupo e de cada aluno.
- Para acompanhar a aprendizagem do aluno.
- Para repensar sua prática educativa, a fim de buscar novas formas de desenvolver seu trabalho, adequando-o sempre às necessidades do grupo.
- Para verificar se está dando oportunidades suficientes aos alunos de externarem suas idéias.

PARA QUE O ALUNO AVALIA?



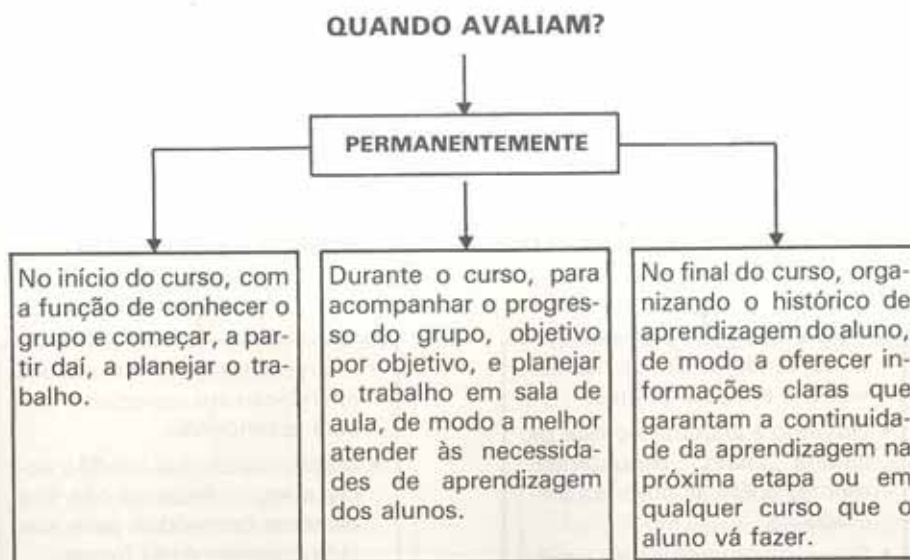
- Para ter oportunidade de refletir sobre seu próprio processo de aprendizagem.
- Para expressar suas opiniões e participar das decisões do grupo, em busca de melhoria do trabalho.
- Para conhecer melhor a si mesmo e ao outro.
- Para conhecer o que é capaz de fazer.
- Para conhecer suas dificuldades e, assim, tentar superá-las.
- Para fornecer informações sobre o trabalho que o professor desenvolve, dando-lhe condições de, assim, melhor atender às necessidades dos alunos.

COMO O PROFESSOR AVALIA?

- Observando os alunos nas atividades em sala de aula.
- Ouvindo e anotando o que os alunos falam, espontaneamente, sobre as próprias dificuldades.
- Propondo exercícios de verificação da aprendizagem, ao longo e ao final do curso, com base nos conteúdos das áreas de estudo.
- Corrigindo e analisando esses exercícios.
- Anotando o desempenho de cada aluno diante das atividades propostas.
- Questionando sua própria prática, com o objetivo de estar pronto para reformulá-la, sempre que necessário.
- Incentivando o aluno a se perguntar sempre sobre o que está acontecendo, como está aprendendo, que dificuldades tem encontrado e o que tem feito para contornar essas dificuldades.

COMO O ALUNO AVALIA?

- Expressando suas dificuldades em relação aos conteúdos que está aprendendo.
- Manifestando sua opinião sobre a importância ou não dos diversos conteúdos para sua vida presente e/ou futura.
- Expressando sua expectativa em relação ao professor e ao que ele lhe oferece.
- Decidindo junto com o professor sobre a melhor forma de desenvolver os trabalhos.
- Opinando sobre o desenvolvimento dos trabalhos feitos por ele mesmo, pelo professor e por todo o grupo.
- Analisando, com o professor, seu desempenho nos exercícios de verificação de aprendizagem e em outras atividades.



Usando instrumentos de avaliação

Toda vez que falamos em instrumentos de avaliação, pensamos logo em "prova", que constata o que o aluno não sabe e não o que ele efetivamente aprendeu. É preciso acabar com a idéia de que a prova é sempre uma "armadilha para pegar o aluno", pois isto faz o aluno ter medo, não ter naturalidade para resolvê-la e até "esquecer tudo", como costumam dizer. Então desde o início você deverá, ao estabelecer o "contrato de trabalho", explicar e mostrar como será a avaliação e como vai proceder, a partir dos resultados. Dizer a ele que ele também participará desse processo.

Você tem usado, certamente, várias formas de avaliação: provas, exercícios do próprio livro, testes, etc. Como você elabora um teste?

- Primeiro, relaciona os objetivos que desenvolveu durante aquele período de aulas?
- Depois, verifica se todos os objetivos foram realmente trabalhados, ou se houve algum que não chegou a ser trabalhado?
- A seguir, relaciona os conteúdos que correspondem aos objetivos que trabalhou?
- Passa, então, a escolher atividades que sirvam para alcançar os objetivos?

- Utiliza tipos de atividades que o aluno já realizou em situações de aprendizagem?
- Dosa as atividades, começando por aquelas que envolvem habilidades mais simples até as que apresentam mais complexidade?
- Formula ordens facilmente compreensíveis, que expliquem o que você deseja que ele faça?
- Faz uma letra legível no material a ser mimeografado?
- Separa cada atividade para não haver confusão na leitura e, em alguns casos, ter espaço suficiente para a resposta?
- Considera o total de objetivos que quer atingir para definir o número de questões e não fazer um teste longo demais?

Estes são, professor, alguns dos aspectos que deverão ser considerados por você sempre que houver necessidade de avaliar seus alunos através de testes. Só conhecê-los não basta para fazer com que você seja capaz de formular bem um instrumento de avaliação. É importante que você, ao fazê-lo, discuta o que fez com outro professor, com o supervisor ou alguém que possa orientá-lo e auxiliá-lo a julgar se o teste atende a seus objetivos.

Como você está vendo, o compromisso da educação de adultos é muito mais com cada pessoa, olhando seu progresso em relação a si mesma. Tradicionalmente, a tendência tem sido a observar os alunos, comparando-os entre si. "Fulano é melhor que Beltrano, que por sua vez não chega aos pés de Cicrano." Assim, se estabelece uma hierarquia de bons e ruins, onde o aluno-padrão é o modelo a ser seguido pelos demais e serve de ponto de comparação para verificar quem está perto ou longe deste modelo. Você até deve se lembrar das medalhas que a escola regular distribuía aos "bem-sucedidos".

Se isto não é adequado numa escola de crianças, não deverá ser tolerado na educação de adultos. O adulto já é crítico de si mesmo e não permanecerá numa escola que subestime o tempo todo sua capacidade. Ele já conhece claramente suas dificuldades e necessidades e não deseja que a escola as exponha na classe.

Por isso, no Programa de Educação Básica, várias coisas mudam em relação ao que se fazia no ensino regular. Exatamente porque a educação de adultos trabalha com pessoas que trazem vivências e conteúdos, essas experiências não podem ser desprezadas. Então, tudo que eles sabem precisa ser aproveitado, e é a partir desse saber que se dará a educação. Nesse caminho, ele vai sempre seguir, sem preocupação de "passar de ano", ou "de etapa" ou qualquer ou-

tro nome que se queira dar. Portanto, não há a famosa "aprovação" ou "reprovação" como a entendemos na escola regular. Aqui o aluno irá seguindo à medida que domine os objetivos que vão sendo estabelecidos para ele. O tempo de percorrê-los todos é dele. Embora haja um prazo determinado para que o Programa seja cumprido, esse tempo não é rígido e pode ser estendido para aqueles que precisarem de um pouco mais. Dessa forma, a avaliação diagnóstica, sobre a qual já falamos, será o melhor meio de verificar como o aluno vai caminhando, se há necessidade de retomar determinados pontos ainda não vencidos até chegar ao domínio de todos os objetivos exigidos, para considerá-lo com a escolaridade correspondente às quatro primeiras séries do 1º grau.

E o que você, professor, poderá fazer?

Uma das coisas em que você deve pensar é o agrupamento dos alunos, de acordo com o nível de conhecimento, nas diferentes áreas. (Lembre-se de que, nem sempre, o aluno que está "fraco" em Matemática deverá estar em outra área.) Assim, você poderá trabalhar com ele, diversificadamente, voltando ao grupo nas atividades que todos acompanhem.

Você poderá pensar, ainda, em ter uma hora a mais de trabalho com eles, antes ou depois da aula. Esta opção deverá ser discutida com o supervisor, para acertar a forma de fazer.

Mesmo que esses procedimentos não sejam suficientes para "igualar" a turma, lembre-se de que a próxima etapa deverá partir do ponto em que os alunos chegaram. A sua informação sobre o que já sabem e o que ainda precisam aprender será o melhor orientador para a montagem da etapa seguinte de trabalho.

Como nem sempre você acompanhará a turma durante todo o programa, o registro das observações sobre o aluno durante o processo será fundamental para orientar o outro professor quanto ao que o aluno sabe, onde tem dificuldades, o que precisa saber. Só assim o outro professor poderá definir os objetivos da próxima etapa, vindo buscar o aluno do ponto em que chegou, não tendo que voltar no processo ou dar saltos na aprendizagem.

Para facilitar o seu trabalho de organizar o *histórico de aprendizagem*, apresentamos um exemplo, como sugestão do que pode ser feito para acompanhar o desenvolvimento do aluno.

SUGESTÃO DE HISTÓRICO DE APRENDIZAGEM

HISTÓRICO DE APRENDIZAGEM DE _____ (nome do aluno)																											
CONTEÚDOS	CONCEITO E/OU GRAU	OBSERVAÇÕES																									
<p>Você deve incluir nesta coluna, professor, conteúdos por área, enumerados por blocos de assuntos (ex.: bloco numeração — conteúdos listados conforme definição feita para a etapa dos conteúdos a serem trabalhados).</p>	<p>Aqui você deve registrar o conceito ou grau atribuído ao aluno, apenas em relação ao bloco de assuntos (ex.: bloco numeração — conceito B; bloco operação — conceito C, etc.).</p> <p>Atenção: Não atribuir conceito ao detalhamento dos conteúdos no bloco de assuntos. Caso se faça a notação sob a forma de conceito, deve-se registrar abaixo a correspondência conceito/grau. Ex.:</p> <table style="margin-left: auto; margin-right: auto; border: none;"> <tr><td>A</td><td>—</td><td>10</td><td>—</td><td>8,5</td></tr> <tr><td>B</td><td>—</td><td>8</td><td>—</td><td>7</td></tr> <tr><td>C</td><td>—</td><td>6,5</td><td>—</td><td>5</td></tr> <tr><td>D</td><td>—</td><td>4,5</td><td>—</td><td>3</td></tr> <tr><td>E</td><td>—</td><td>2,5</td><td>—</td><td>0</td></tr> </table>	A	—	10	—	8,5	B	—	8	—	7	C	—	6,5	—	5	D	—	4,5	—	3	E	—	2,5	—	0	<p>A coluna de observações, professor, é indispensável para o <i>prosseguimento do aluno no PEB</i>. Portanto, é de uso apenas no âmbito do convênio com a Fundação. Aqui deverá-se registrar tudo que falta para o aluno atingir os conteúdos, seus pontos ainda fracos, que merecem mais trabalho e reforço. Será, portanto, o orientador do professor na próxima etapa.</p> <p>No entanto, quando o histórico acompanhar o aluno para o ensino regular, não haverá necessidade de qualquer registro. Como o nosso aluno, muitas vezes, irá seguir seus estudos pela via regular, o conceito C ou a nota mínima 5 permitirão que o sistema o considere apto ao prosseguimento. Para nós interessará <i>saber o que o aluno ainda não domina dos objetivos/contéudos</i>, de modo a reorientar sua próxima etapa, e não as notas que ele obtiver.</p>
A	—	10	—	8,5																							
B	—	8	—	7																							
C	—	6,5	—	5																							
D	—	4,5	—	3																							
E	—	2,5	—	0																							

EXEMPLO DE HISTÓRICO DE APRENDIZAGEM

HISTÓRICO DE APRENDIZAGEM DE		
José Carlos Nascimento <small>(nome do aluno)</small>		
CONTEÚDOS	CONCEITO E/OU GRAU	OBSERVAÇÕES
<p>1. Linguagem</p> <p>1.1 Escrita de frases, empregando:</p> <ul style="list-style-type: none"> • a letra maiúscula no início da frase; • os sinais de pontuação (ponto final, ponto de interrogação, ponto de exclamação); • a divisão de palavras em final de linha, quando necessário (utilização funcional de divisão silábica); etc. <p>2. Matemática</p> <p>2.1 Numeração:</p> <ul style="list-style-type: none"> • relação número-numeral; • formação de números envolvendo unidade, dezena e centena simples e unidade de milhar; • leitura e escrita de números de até 4 algarismos; • comparação de números naturais, de até 4 algarismos; • leitura e escrita de números ordinais; • identificação de números pares e ímpares; etc. 	C	<p>José Carlos tem, ainda, dificuldade na escrita de frases. É capaz de organizar seu pensamento oralmente, mas quando é pedida a escrita de frases, não as formula com a mesma facilidade. Além disso, vez por outra não observa o uso de letra maiúscula e não emprega o ponto de exclamação. Na divisão de palavras no final de linha ainda comete erros com frequência.</p> <p>Embora José Carlos tenha conceito B, precisaria de um pouco mais de reforço quanto à leitura e escrita de números ordinais. Especificamente, a dificuldade está nos ordinais de 10 a 19.</p>
<p>Correspondência conceito/nota : A — 8 a 10; B — 6,5 a 7,5; C — 5 a 6; D — 3,5 a 4,5; E — 0 a 3.</p>		

Última palavra

Quanto mais, professor, você for fiel no registro das observações que faz de seus alunos, mais estará ajudando a continuidade do seu aprender nas etapas que se seguirão.

Não é só a nota ou o conceito que bastam para nós no trabalho com jovens e adultos. Muitas vezes eles querem dizer muito pouco.

A avaliação como está proposta representa a possibilidade não só do aluno verificar o que aprendeu diante do que sabia, mas também de ser capaz de perceber criticamente a si e a realidade que o cerca.

Para nós, a importância do aprender de nossos alunos está expressa por essa idéia: ter acesso a um mundo novo, onde a leitura e a escrita têm papel fundamental para a participação social.

Impresso no Brasil/Printed in Brazil
©1988 - Fundação EDUCAR
Avenida Pasteur, 368 – CEP 22290 – Rio de Janeiro – RJ

DIRETORIA TÉCNICA/DIVISÃO TÉCNICO-PEDAGÓGICA

AUTORIA:

Antônia Maria Coelho Ribeiro e Jane Paiva

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO/ÁREA DE TEXTOS E EDITORAÇÃO:

PREPARAÇÃO E REVISÃO DE TEXTO:

Cristina Aparecida Seghetto, Luiz Augusto Pires Mesquita, Marilda Barroso
Bottino e Rita de Cassia Martins C. Brito

PROGRAMAÇÃO VISUAL/PRODUÇÃO GRÁFICA E ARTE-FINAL:

Paulo Mendo



FUNDAÇÃO
EDUCAR